



PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FARIA MARTINS. Director, JOSÉ PINTO RODRIGUES Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R. Republica. 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSITANA, R. GRAYADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

O Doutor Francisco Martins Sarmiento

ARQUEÓLOGO INSIGNE

NA SIMPATIA DO SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

Uma aspiração por que devemos trabalhar
para que seja, em breve, uma realidade

A nossa "Carta Aberta," ao sr. dr. Alfredo de Magalhães, illustre Ministro da Instrução, publicada no último n.º do PRO VIMARANE, foi lida por S. Ex.ª.

Era isso o que nós desejavamos e foi isso o que nós conseguimos.

O resto, a glorificação integral a Martins Sarmiento, pertence... a uma oportunidade que há-de chegar. Há-de chegar, porque assim o querem os vimaranenses, ciosos do seu carinhoso culto ao sábio conterrâneo; e, assim, já agora, o quer também um homem público que tantas provas de tenaz vontade e de abnegante patriotismo tem oferecido ao seu país—o sr. dr. Alfredo de Magalhães.

A carta que S. Ex.ª obsequiosamente nos endereçou em resposta ao nosso brado em prol do, por si, lembrado monumento a Martins Sarmiento, não é para nós, para a nossa confiança, uma platónica promessa ministerial, mas antes a declaração leal de um homem que timbra em fazer vingar os seus pensamentos, sendo fiador dos seus propósitos as suas próprias acções—bastando para o comprovar a sua admirável, quasi heroica tarefa preconizada em prol do monumento a Júlio Deniz, inaugurado há pouco na cidade do Porto, e ainda ess'outra campanha, em marcha de efectivação, aberta em benefício duma instituição de Maternidade, que será a filha dilecta da Escola Médica do Porto.

Antes, porém, de reproduzir a amável e atenciosa carta de S. Ex.ª, queremos aqui acentuar: que não quizemos ser, e não fomos, desprimorosos ao recordar na nossa "Carta Aberta," as sonoras promessas dos Senhores Ministros à grei provinciana, tanto mais que o momento não é sequer de preparação eleitoral.

De igual modo a vaga ironia por S. Ex.ª notada na nossa singela "epístola," não é nem significa outra coisa que a fisionomia leal do nosso temperamento, mal doseado, acaso, do senso das convenções.

Mas se a vida, mesmo nas suas modalidades mais graves, não deixa de nos oferecer sempre um lado em que entra um pouco de ironia, de riso e de caricatura, porque não se há-de temperar uma "Carta Aberta," com esse sal do bom humor que, bem doseado, até dá e espalha um ambiente de saúde?...

E, dito isto, em preâmbulo, segue a carta, — documento que muito nos desvanece como vimaranenses pelas afirmações de simpatia nela contidas.

...Sr. A. L. de Carvalho

12—VII—1927.

Quando eu, de passagem por essa cidade, lancei na "Sociedade Martins Sarmiento," a ideia de saldarmos uma dívida em aberto para com a memória do insigne arqueólogo vimaranense,

não quiz fazer uma vulgar especulação política, como se pode deprender da carta aberta, vagamente trônica, que V. dirigiu ao actual Ministro da Instrução — bem mais minhoto do que ministro.

Vem de longe, não é da última hora, a minha profunda e desinteressada admiração por Martins Sarmiento, que reputo uma das grandes cerebrações da nossa terra e do nosso tempo, muito mais celebrada, como é de triste regra, no estrangeiro.

Não sou político de indústria...

Como recebi de Deus a faculdade, que nem a todos os mortais é dada, de admirar o que é admirável, ninguém mais que eu se desvanece ante as grandezas da sua pátria, e tanto mais quanto menos elas são ou foram incompreendidas.

Amigo sincero de Guimarães, por ser uma cidade mui portuguesa e orgulhosa das suas notáveis tradições, quer me encontre nesta pouco invejável posição de ministro, quer esteja liberto dela, como tanto desejo, não deixarei de contribuir, na primeira oportunidade, para a consagração definitiva que a nossa tam formosa provincia tem o dever de levar a efeito, perpetuando por qualquer maneira a personalidade do eminente investigador da velha Lusitânia.

Com os protestos da minha distinta consideração, me subscrevo

De V..., etc.,

ALFREDO DE MAGALHÃES.

Resta, pois, saber aguardar e saber esperar a "oportunidade," que um dia será por nós, estará ao nosso lado, se soubermos e fizermos por ir ao seu encontro, não cruzando, para isso, os braços à espera que o maná nos venha do céu.

Sejamos nesta causa do monumento edificio ou do monumento estátua — à glória e para maior glória de Martins Sarmiento — mais crentes e mais combatentes do que em geral somos, relegando tudo para traz das costas, num não-te-rales impróprio da vida nevrosada e activa dos nossos dias.

Cumpramos, portanto, o nosso dever, pondo isto por recordação:

Os cuidados de um Ministro são atraídos para múltiplos assuntos. Saibamos nós aparecer, indo ao encontro da melhor oportunidade — oportunidade que, estamos certos, há-de chegar mais cedo que os descrentes e os empatas julgam!...

O que importa é, pois, ir reunindo novos materiais para a consecussão do mesmo objectivo, porquanto, tratando-se de uma obra de vulto, muitas e valiosas ajudas são necessárias.

A. L. DE CARVALHO.

Festas Gualterianas

Realizam-se com todo o esplendor nos dias 6, 7 e 8 do próximo mês

Está definitivamente resolvida a realização das tradicionais Festas da Cidade. Os vimaranenses devem acorrer ao apêlo da Comissão de Meios com todo o entusiasmo, lembrando-se de que as Festas honrarão Guimarães tanto mais quanto avultado fôr o seu óbulo.

O nosso próximo número será dedicado às Festas e colaborado por alguns dos mais conceituados filhos de Guimarães.

A falta de espaço obrigamos, por hoje, a referir-nos ligeiramente ao programa das festas, que nos primeiros dias da próxima semana será afiado.

Além das feiras, com valiosos prémios e o concurso da Comissão de Remonta do Exército, haverá iluminações deslumbrantíssimas, para as quais já trabalha afincadamente o sr. Bernardo Barreira; descantes populares, por graciosíssimos grupos regionais; vistoso fogo de artifício, a cargo dos mais afamados pirotécnicos do Norte; bandas de música das mais conhecidas e afamadas, etc. etc. etc.

O concurso da Corporação dos Bombeiros será brilhantíssimo, pois com as Festas coincide a consagração do 50.º aniversário da prestimosa Corporação. Além duma missa solene, de uma sessão comemorativa e de uma parada, em que tomarão parte representantes das corporações congêneres do país, muitos outros números estão a cargo dos Bombeiros, tais como a ornamentação e iluminação da R. de Paio Galvão.

A Marcha Milaneza, organizada pela Associação dos Caixeiros, com o valiosíssimo auxílio dos Bombeiros, revestirá este ano uma imponência que em tempo algum atingiu, firmando, de uma vez para sempre, a superioridade de Guimarães sobre as terras que têm pretendido imitá-la.

Como números dos mais sensacionais, teremos uma **GINKANA** de automóveis, cuja organização está a cargo do importante industrial sr. António da Costa Guimarães, a quem, por esse facto, muito ficamos devendo.

Repetimos: por hoje é nos

UNIDADE MILITAR

Foi no ano passado. Alguns rapazes decididos, ajudados pelo espírito animador de um punhado de vimaranenses anciosos por verem dignificada e colocada no lugar próprio a terra que os viu nascer, lançaram-se numa campanha febril, intensa, com todo o entusiasmo dos seus corações ainda puros, crenças — os ingénuos... — de que conseguiriam, a final, o triunfo da sua ambição tão legítima e tão cheia de nobreza.

A fatalidade de uma reorganização militar, madura e sabiamente pensada nos gabinetes do Estado-Maior, impunha cruelmente a saída de Guimarães do regimento de Infantaria n.º 20. Regimento de tradições gloriosíssimas, estava por tal forma ligada a sua historia brilhante à historia desta terra, que vê-lo partir sem protesto, sem um movimento de revolta, o mesmo seria que dar uma prova cabal de que haviam desaparecido para sempre aqueles entusiasmos vibrantes, aquelas vontades firmes que, nos momentos graves, defenderam com tenacidade e violência os interesses e as regalias de Guimarães. Não aconteceu assim, para honra nossa.

Foi magnífica de persistência, corajosa, e, por vezes, cheia de sacrifícios, a cruzada que então empreenderam alguns vimaranenses. Mas foi em vão...

Houve lágrimas em muitos olhos, raivas a custo contidas em muitos corações, quando, certa madrugada, de surpresa, como que levada por intrusos, a bandeira sacratíssima do 20 foi, com a cruz de guerra que com tanto heroísmo para ela conquistaram os filhos desta terra, para uma terra estranha.

Depois, partiu a banda. Todos se lembram, certamente do que foi essa despedida comovente, em que milhares de pessoas disseram aos que partiram da máguia que lhes enlutava as almas.

Nem tudo se perdera, porém, em troca do 20 foi-nos dado, como consolação, o Batalhão de Metralhadoras n.º 2. Com êle ficaram aqui, embora provisoriamente, todos os oficiais que pertenciam ao regimento n.º 20. Nem tudo se perdera...

Mas o Batalhão de Metralhadoras 2 teve — o mal asado... — uma vida efêmera e triste...

Numa madrugada de fevereiro, alguns dos seus oficiais lançaram-se, acompanhados por algumas praças, num movimento revolucionário. Sufocado o movimento, surge um decreto que extingue as unidades que, total ou parcialmente, se haviam revoltado. O Batalhão de Metra-

impossível dar mais desenvolvida notícia.

Não queremos deixar de fazer votos por que os forasteiros sejam recebidos com a mesma hospitalidade e bom acolhi-

lhadoras 2 é extinto, e o quartel passa a ser, pura e simplesmente, um depósito...

Novamente os vimaranenses se levantam. Clamam, instam, fazem valer os seus direitos, expõem aos Poderes Públicos, numa representação respeitosa, a causa justíssima. Tudo em vão...

Consumatum est! Pode haver ainda esperança? Que resultado prático se tirou até agora da visita que há pouco nos fez o ilustre comandante da 1.ª região militar?

S. Ex.ª prometeu, e S. Ex.ª, como militar digno que é, não falta, que se interessaria pela pretensão dos vimaranenses, pretensão que, no seu entender, é justíssima. Conceder o que é justo pode porventura desprestigiar ou deixar mal colocado quem o concede? Macular-se hia o prestígio do Poder concedendo-se o que se tirou, depois de se observar que foi tirado injustamente? Reconhecer os erros e emendá-los a tempo é uma das melhores e das mais dignas virtudes que pode possuir um homem público.

Não vamos repetir as razões, os argumentos que legitimam a pretensão de Guimarães. Essas razões, êsses argumentos são de sobejo conhecidos por aquêles que podem solucionar esta grave questão. Repeti-los seria fastidioso. Seria fastidioso e, mais uma vez, em vão... Mas se pode calar-se a inteligência, não pode, com igual facilidade, fazer-se calar o coração. E é o nosso coração que fala, é o nosso coração de filhos amantíssimas que sangra!

Que damos nós ao Estado? Respondam todos aqueles que mal podem com os encargos em que estão onerados. Respondam as estatísticas cujos números falam como gente.

Que recebemos do Estado? Positivamente — nada!

Deixai falar o coração, deixai que êle diga, alto, muito alto, tão alto que se ouça lá em cima, nas elevadas regiões em que estão os que nos governam: — o que se está fazendo é a mais cruel, a mais negra, a mais espantosa injustiça que se poderia fazer à terra sagrada, heroica e trabalhadora onde nasceu Portugal!

Fica-nos um militar, um só: — o primeiro Afonso, o batalhador glorioso, o construtor de Portugal; — fica-nos inerte, bronzeo, a mascara enérgica de sempre, a espada invencível na mão, tal como o artista magnífico o concebeu, a atestar quem somos, a gritar, na sua mudez de estátua, o protesto vibrante que ecoa nos nossos corações!

mento com que foram distinguidos os que vieram até cá a quando da realização do grandioso Congresso Eucarístico Nacional.

Assim o esperamos.

Na rede... dos telefones

Duma revista dos correios e telégrafos podemos ver que existe desde 1919 um estudo relativo à rede telefónica inter-urbana — rejubile Guimarães! — mas é problema que só poderá ser encarado «em tóda a sua plenitude» a partir do ano de 1928-1929.

Até lá, porem, e para descausso nosso, diz a mesma publicação oficial: a Administração Geral tem em propósito, tem mesmo em via de efectivação, cinco novas redes, as primeiras das quais serão as de Faro, Guimarães e Olhão.

Fala-se, enfim, com primazia, da olvidada Guimarães!

— Muitos parabéns!

Como, todavia, nestas coisas do mundo Deus põe e os «influentes» dispõem, é certamente por isso que um «má lingua» aqui do lado nos está dizendo — *estar sendo montada a rede telefónica em Famalicão!*

— E para quando Guimarães?!

Pois coisa curiosa: estudando um esquema que a citada publicação oficial insere, vê-se que a linha telefónica que deriva para Guimarães é aquela que mais pequenos ramais convergentes distribue, como sejam as ligações com os importantes núcleos populacionais e industriais do concelho — Vizela, Pevidem e Taipas.

Porque, pois, nos deixam ficar... para o resto?!

Para 1928-29, «quando o problema possa ser encarado em tóda a sua plenitude?»

Valha-nos aqui N. S. d'Agrela, que não há outra como ela, já que não chega para alcançar a rede, que briosamente pagamos, a importância do nosso incomparável centro industrial e, com ela, a garantia de um optimo rendimento para a Administração Geral dos referidos telefones!

E lembrar-se um faviano cá da parvónia — que andamos nisto dos telefones há perto de meio século!

Ai, se soubessemos gritar: — *Ala! ala a riba, por Guimarães!*...

A. L. DE CARVALHO.

O director dêste jornal agradece penhoradíssimo as referências gentis que alguns colegas de imprensa fizeram ao facto de ter sido colocado à frente do "Pro Vimarane".

Subordinando, em tôdas as circunstâncias, a orientação do jornal aos interesses da nossa terra, há-de sempre, tal como o seu antecessor, a cujo talento e dedicação presta homenagem, saber ser digno do cargo para que, talvez em má hora, o escolheram, usando para com todos os colegas de imprensa da maior lealdade e camaradagem.

Bilhetes-cartas

Aos sábados...

O sábado para mim é sempre um dia nostálgico, dia em que a vida se agita na cidade e em que a melancolia se instala, de malas e bagagens, e comodamente, em todas as dependências da minha alma.

Acabrunhado, isolo-me, concentro-me e recordo. Recordar—lá dizia o outro—é viver; e viver, não-de concordar, já é alguma coisa; e viver esta miserável vida provinciana, que só a pena privilegiada de Eça de Queiroz ou... a do cronista dos «Postais Vimaraneses» que se publicam em «O Comércio», edição da tarde de «O Comercio do Porto» a podem descrever, é muito mais.

* * *

A Porta da Vila, V. Ex.^{as} conhecem? Mora lá muita gente boa, bem intencionada, mas também por lá ha quem tenha certo o reino dos céus.

Pois é por essa estreita artéria da cidade que amanhã deslizará toda a fina flor desta terra, vestida de etamine de dez mil reis o metro, e os dandys baratos que pululam este antiquado rincão, no dizer do pseudo—espiritoso cronista dos «Postais Vimaraneses».

* * *

Cabe aqui bem um parentisis. Ter espirito, graça leve, que faça apena sorrir, não é aquilo que melindra, ofende e representa uma ingratidão para aqueles que, com aquela hospitalidade que ha muito lhe é peculiar e sobejamente lhe está reconhecida, dão licença a qualquer de ingressar no seu grémio.

* * *

Mas adiante.

Por ali passarão todos os tipos ridículos desta parvónia, desde aquela espécie de dandys a que acima fazemos referencia, até ao par de labroscas, bem indumentariados no seu traje tão tónico e característico, que noutros tempos!—oh! tempos—foram motivo de demorada e meticolosa observação, por parte d'esses apalermados escritores que, por um bambúrrio, legaram os seus obscuros nomes á historia da nossa literatura.

Enfim, a Porta da Vila é a cidade em péso, a Porta da Vila é a vida de uma cidade inteira que não possui outros atributos capazes de dar assunto—passe o calão jornalístico—para uma crónica semanal, a não ser a reedição mestificada daquelas crónicas que, no século passado, implacavelmente, fustigavam todos os Pires, embora se disfarçassem com nomes mais ou menos pomposos. Ora... adeus...

* * *

E a melancolia passeia, arrasta a sua indolencia, o seu aborrecimento pelos longos e áridos descampados da minha alma. E recordo ainda. E a minha intelligencia entrega-se a este sim-

O NOSSO PROGRAMA

Tencionavmos expor neste número, em todas as suas minúcias, o programa que, adentro do «Pro Vimarane,,» nos propomos rialisar. Dificuldades de vária ordem impedem que o façamos como era desejo nosso. Em todo o caso não deixaremos de, num dos números mais próximos, trazê-lo ao conhecimento dos nossos leitores.

Como já dissemos, a nossa acção está em grande parte dependente do auxílio e da assistencia que nos prestem os vimaranenses. Esse auxílio, essa assistência, não nos faltarão, por certo, sé todos se convencerem de que no «Pro.Vimarane,,» têm um baluarte defensor dos seus interesses e regalias. Responde por nós o passado. Quanto ao futuro, os actos que praticarmos, as campanhas que levantarmos igualmente falarão por nós. Abandonar este jornal seria uma negra, uma feia acção.

Há tempos, nestas colunas, apóz um conflito que as circunstâncias de momento iam fazendo avultar, dando-lhe aspectos graves que nunca deveria atingir, fixamos—com o intuito de o fazer de uma vez para sempre—alguns dos princípios que estabelecemos quando iniciamos esta cruzada. Porque o jornal entrou numa como que nova fase, não será demais repetir esses princípios.

São eles:

1.º—respeito absoluto pelos legítimos direitos e pelos interesses fundamentados de todos os vimaranenses;

2.º — defeza incondicional, dedicada e desinteressada, de todas as iniciativas, projectos e actividades postas ao serviço de Guimarães;

3.º—ataque enérgico, feroz, persistente, a todos os actos, iniciativas, projectos e obras de que possa resultar prejuízo para o bom nome da nossa terra ou que, mesmo de longe, traduzam menos respeito pelos seus direitos, interesses e tradições.

.....
ples e comesinho raciocínio: Se o pifio Soares dos Reis, o mestre dos mestres escultores, vivesse, haveria alguém que expontaneamente, sem coacção, declarasse que aquilo que se disse da sua obra, era—sem intuitos de offensa ou malquerença—de facto despropositado?

SÉRGIO VIDAL.

4.º—máxima tolerância para todos os que estejam animados de boa fé e exigência de respeito absoluto pelas nossas intenções;

5.º—ausência completa de preocupações políticas ou religiosas.

Sintese de um programa vasto, que esforçadamente procuraremos rialisar na íntegra, estes princípios não podem deixar de ser olhados com simpatia por todos aqueles que verdadeiramente queiram á sua terra.

Jornal regionalista, na acepção mais pura e mais intelligente desta expressão, o «Pro Vimarane,,» embora lutando sempre e intransigentemente pelo que é nosso, não precisará, em caso algum, de ser menos correcto ou menos delicado para com os que porventura tenha de combater. Discutir ideias, defender princípios, estar continuamente na brecha para não deixar que sejam postergados os direitos de Guimarães, não significa que atiremos aos nossos adversários com pedras ou recorramos ao expediente fácil, mas pôrco, do insulto. Saberemos sempre ser dignos da missão que nos impuzemos—mesmo nos casos em que o não sejam para comnôco.

Coisas ha que não podem fazer-se sem violência:—essas as faremos violentamente. Violência, porém, não quer dizer malcriadez.

Vamos recorrer á colaboração de alguns ilustres filhos desta terra e á de outros nomes, a ela extranhos, mas que em Portugal representam alguma coisa de elevado e de nobre. Temos confiança plena nas nossas demarches. Há problemas fundamentais para a vida, não só de Guimarães, mas de toda a região minhota, que é absolutamente necessário que sejam estudados, apontando-se-lhes as soluções mais práticas e mais vantajosas.

Dos vimaranenses havemos de nos dirigir, certos de que não faltarão, a Alfredo Pimenta, Eduardo de Almeida, Luiz de Pina, Alfredo Guimarães, Capitão Pina, P.º Gaspar Roriz, José Leite de Faria, José Luiz de Pina, Jerónimo Sampaio, Delfim de Vimaranes, Francisco Pereira Mendes, Francisco Martins, Manuel Alves de Oliveira, Alberto Viei-

Grupo «Pro Vimarane,,»

Este grupo, constituído por rapazes cuja dedicação nada tem podido alterar, impulsionado somente pelo desejo veemente de engrandecer a nossa terra, vai, dentro em pouco, deixar de ter o ambiente restricto que o caracterizou até ao presente, alargando, mais ainda, a sua esfera de acção e chamando a si todos os que queiram cclaborar na obra magnífica do ressurgimento de Guimarães.

Para isso transformar-se-ha numa agremiação aberta a todos os bons vimaranenses, agremiação que terá uma vida perfeitamente legal, com estatutos que serão aprovados pelos seus componentes na devida oportunidade.

Salientar o que este grupo tem feito, depois de lutas esforçadas, em prol de Guimarães, é desnecessário. Todos os homens de boa fé o sabem e todos eles, certamente, nos aplaudirão, incitando-nos a que continuemos, como até aqui, na defeza intemerata, incançavel e enérgica dos direitos e das regalias da nossa terra.

Encarregado de organizar os estatutos a que acima nas referimos foi o nosso ilusire colaborador sr. A L. de Carvalho, que já os tem concluídos. Não poderia ser tal trabalho entregue a melhores mãos.

No próximo número falaremos mais de espaço sôbre este assunto, que deve interessar todos os vimaranenses.

.....
ra Braga, Serafim Pereira Rodrigues e outros.

Para terminar, estas palavras, escritas também já nas colunas deste jornal:

Não atacamos nem defendemos pelo prazer de atacar ou defender, por exhibicionismo ou pelo desejo ridículo de fazer literatura. Atacamos ou defendemos sempre que, em consciencia, entendemos dever atacar ou defender. Isto aqui é uma barricada, uma barricada em que todos, levados por princípios puros, por ideais nobres, não sabem o que seja desfalecer, não sabem o que seja ter medo, não sabem o que seja transigir, não sabem o que sejam subservencias.

Não podemos, necessariamente, pedir licença, seja a quem for, para escrevermos. Escrevemos conscientemente, escrevemos o que sentimos, escrevemos sempre com a preocupação de sermos justos, verdadeiros, imparciais. Se uma palavra, uma local, um artigo, ferir alguém nos seus interesses ou nos seus direitos, esse alguém têm estas colunas ás suas ordens para nos rebater e tem a lei da imprensa para o proteger.

Temos dito.—por hoje.

O ÚLTIMO NÚMERO do nosso jornal saiu com um grande atrazo. A explicação dêsse atrazo já a demos aos nossos leitores: proveio do facto de se terem alterado sensivelmente os nossos serviços. Não queremos, porém, deixar de, mais uma vez, pedir desculpa aos nossos leitores e assinantes, absolutamente certos de que, a partir deste número, não mais seremos levados a pedir que nos desculpem, pois não se dará mais tal caso. A benevolência dos nossos leitores é grande e a vontade que temos de lhes ser agradáveis também não é pequena.

A NOSSA ATENÇÃO, atraída por mil e um assuntos, alguns dêles de palpitante actualidade, e todos respeitantes ao bom nome e ao progresso desta terra, não pode, evidentemente, abrangê-los de uma só vez. Temos que ir por partes. O método é tudo,—a questão está em saber-se ser metódico. Faremos o possível por ter essa qualidade.

Vem isto a propósito de um problema para que acabam de pedir a interferência dêste jornal. De bom grado trataremos dêle, tanto mais que há muito preocupa o nosso espírito. Referimo-nos às péssimas, às mesquinhas, às misérrimas condições higiénicas de certas fábricas e da maior parte das oficinas vimaranenses.

O mal é geral e crónico. Não se localiza aqui,—observa-se em todo o país. A culpa, até certo ponto, cabe menos aos industriais e aos proprietários do que aos governos. Legislação de protecção ao operário, se a temos—e alguma temos—está rígida, inerte, sobre o papel do «Diário do Governo». Não se aplica, não se cumpre, como é, de resto, velho, inveterado costume nosso.

Focamos especialmente o que diz respeito às condições higiénicas em que, durante as horas de trabalho, vivem os nossos operários, porque do problema é êste um dos mais melindrosos aspectos.

No estrangeiro há leis protectoras dos menores que trabalham, das mulheres operárias, principalmente chegado o período da gravidez, há um sem número de coisas obrigatórias tendentes a tornar de certo modo confortável a vida dos que mourejam de sol a sol.

Remédio para o mal?

Parece-nos melhor esperá-lo do Céu,—que da terra não vemos jeito que êle apareça.

E' também assuuto para sobre êle conversarmos com mais demora.

JOSÉ DE PINA: A comissão do Monumento aos Aviadores, antes de declinar o seu mandato, vai promover uma manifestação de apreço ao autor do projecto.

Faz bem a comissão procedendo assim: para que não se erija, com a sua convicção e a propósito, um monumento à ingratidão...

O monumento, que satisfaz à crítica dos autorizados, é mais um testemunho do valor artistico e do acendrado amor à terra demonstrado em tantas conjunturas por José de Pina.

ECOS : NOTÍCIAS :

: : COMENTÁRIOS :

UMA INICIATIVA a lembrar: a construção de um teatro. Não faz sentido que numa terracom a nossa, quem quizer passar algumas horas agradáveis, quem quizer recrear o espírito com um pouco de bom teatro, tenha de deslocar-se ao Pôrto ou a Braga. Ao teatro que cá temos, desprovido de todas as condições de comodidade, anti-higiénico, mal seguro, sem camarins e com um palco inadapável à mais comesinha carpintaria teatral, não podem vir grandes companhias, e as que teem vindo, com alguns nomes considerados e de cartaz, veem-se obrigadas a representar as peças do seu repertório num ambiente mesquinho e pobre que lhes prejudica, em grande parte, o efeito.

Dois, três, quatro homens corajosos, endinheirados, de bom gosto e de iniciativa rasgada,—eis o que era necessário. Será impossível encontrá-los?

Creemos que não. O que é preciso é lançar a ideia, martelá-la muito, recordá-la de quando em vez, meter em brios as criaturas que se poderão abalançar a tal obra.

O teatro é hoje, e foi sempre, um dos elementos por onde pode apreciar-se a civilização, o bom gosto, o nível intelectual dum povo. Uma terra que muito justamente se quer tornar progressiva não pode estar sem um teatro decente, sem um teatro por onde possam passar sem repugnância os melhores artistas nacionais.

O dinheiro empregado em construir um teatro, modesto embora, mas limpo, não seria, cremo-lo bem, dinheiro perdido. Veja-se o exemplo de certas terras de provincia incontestavelmente inferiores à nossa.

DO NOSSO PROGRAMA faz parte a realização, em cada número, de uma entrevista com os representantes dos organismos e classes mais importantes de Guimarães. Entendemos que é êste um dos meios de saber o que pensam e o que desejam aquêles a quem mais interessa a solução dos problemas vitais da nossa terra.

Ouviremos sucessivamente, entre outros os srs. Presidente da Câmara, presidente da Associação Comercial, presidente da Associação dos Caixeiros, presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, Comandante dos Bombeiros, Reitor do Liceu, Director da Escola Industrial, Inspector Primário, comerciantes, industriais, operários...

Nenhuns, por certo, se recusarão a dizer-nos o que, adentro do seu organismo ou classe, pretendem fazer, ou em que medida lhes deve ser prestada assistência pelos vimaranenses ou pelo Governo. As opiniões, os alvites, os desejos das pessoas ouvidas serão por nós reproduzidos com rigorosíssima fidelidade.

Não dispensaremos, necessariamente, os nossos comentários, pois comentar, analisar o que nos for dito, é a melhor maneira de colaborar com as individualidades que se prestarem a s-r cuidadas.

No próximo número começaremos a série por uma entrevista com o sr. Capitão Duarte Fraga, digno presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, lugar que vem ocupando—não nos custa confessá-lo—com brilho e com honestidade. Coincide o próximo número com as festas gualterianas. Achamos que é a altura mais própria para se dizer aos munícipes alguma coisa sobre o que a Câmara tenciona fazer e, porventura, sobre o que já tem feito. COMEÇARAM já a trabalhar no Toural para a colocação da *marquise*, obra da iniciativa da Câmara anterior, que uns ásperamente censuram e outros defendem com energia.

Pelo que nos diz respeito, confessamos que nos veríamos seriamente embaraçados se nos forçassem a emitir a nossa opinião. Quer-nos parecer que só depois dela colocada é que todos poderão fazer a sua apreciação definitiva. Mas, por outro lado, depois de colocada, se ficar mal, o remédio há-de ser difícil...

O que for se verá... com diz o cégo...

JÁ TEMOS pelas ruas, patrulhando a cidade, pronta a intervir quando a ordem seja alterada, a G. N. R. A sua presença faz elevar um pouco mais êste aspecto de aldeia de Paio Pires que, há tempos para cá, é o de Guimarães.

A G. N. R., porém, não basta. Não pode—evidentemente não pode—fazer o serviço de polícia de costumes, de polícia cívica, serviço que há imenso tempo constitue uma das mais urgentes necessidades de Guimarães, uma das necessidades cuja satisfação se torna imprescindível.

Sabemos, de fonte autorizada, que dentro em pouco—um ou dois meses, o máximo—teremos um destacamento de polícia. Regosijamo-nos com isso e felicitamos a Comissão Administrativa da Câmara por o ter conseguido.

O que acaba de conseguir-se não representa, porém, qualquer favor. Deu-se-nos o que era de justiça dar-se. E porque não costumamos agradecer quando nos trazem o que nos devem. Também neste caso nada agradecemos, a não ser os bons officios das pessoas que pela concessão da polícia trabalharam.

Um facto que mostra bem o quanto a criação aqui, dum destacamento de polícia corresponde a uma necessidade imperiosíssima é a tendência, cada vez mais acentuada, para o aumento da criminalidade.

Sabemos bem que muitos factores poderão explicar êsse aumento

de criminalidade; contudo, podemos afirmar, sem receio de que nos desmintam, que, incontestavelmente, um dos factores que para isso mais tem contribuído é a falta de uma policia de costumes, de uma policia cívica.

Quanto desgraçado que tem caído sob a ação da justiça se salvaria se a tolher as manifestações dos seus instintos, muitas vezes produtos de taras invencíveis, se opuzesse a ação ao mesmo tempo prudente e enérgica dum policia vigilante e cõscia do seu papel?

DOMINGOS PIRES BARREIRA—Em viagem de estudo à região minhota, estudò que especialmente respeita ao inquerito promovido pelo Grémio do Minho, de que é illustre presidente, encontra-se entre nós o sr. Domingos Pires Barreira, incontestavelmente uma das pessoas a quem o Minho mais vem devendo.

S. Ex.^a teve a subida gentileza de nos visitar, deixando um cartão penhorante e lisonjeiro, que muito agradecemos.

No próximo número publicaremos uma entrevista que S. Ex.^a amavelmente nos concedeu, entrevista em que são versados os mais palpitantes problemas a que dá lugar a vida da região minhota.

FALECIMENTO—No passado dia 10, pelas 0,30 da madrugada, faleceu a Senhora D. Júlia Leite Correia de Almada de Viamonte de Souza da Silveira de Bourbon, esposa do nosso amigo sr. Fernando Afonso Peixoto de Bourbon (Lindoso).

A extinta, que era entre a melhor sociedade de Guimarães, apreciada como Senhora dotada das mais excelsas qualidades e dos mais elevados dotes de espirito, de intelligência e de coração, deixa na alma de todos os seus e de todos os que a admiravam, uma recordação saudosíssima.

Deus, que a todos sabe premiar a Virtude e a Bondade, há-de dar à sua alma o descanso que bem merece.

A' família enlutada, especialmente ao nosso amigo Fernando Lindoso, a sincera expressão do nosso pesar.

Para ser bom vimaranense não basta assinar o «PRO VIMARANENSE» deve contribuir para a sua expansão. Cada assinante deve procurar conseguir outras assinaturas.

Da Comissão de Iniciativa da Figueira da Foz, acabamos de receber o seu Boletim, que nos revela o grande espirito bairrista que preside àquela instituição, que sabe e muito bem, pugnar pela sua terra.